

Efeitos do antiglobalismo brasileiro sobre as relações Brasil-China (2018-2020)

Effects of Brazilian antiglobalism on Brazil-China relations (2018-2020)

RESUMO:

Os principais objetivos deste artigo são explicar o pensamento antiglobalista brasileiro, base da política externa de Bolsonaro, esclarecer o seu viés essencialmente anti-China e contextualizar as relações Brasil-China entre 2018 e 2021, identificando fatos emblemáticos geradores de turbulência na agenda bilateral. A presente pesquisa tem caráter exploratório, no sentido de analisar o particular significado que tem o globalismo para os formuladores da política externa brasileira. Para isto, realiza uma breve revisão da literatura tanto sobre o conceito de globalismo quanto sobre as relações Brasil-China, incluindo análise sintética de dados das relações econômicas bilaterais. Consideram-se textos e falas, sobretudo, de Ernesto Araújo, de Felipe Martins e de Olavo de Carvalho acerca do globalismo, como os pronunciamentos também da Presidência e do deputado Eduardo Bolsonaro quanto a questões da agenda bilateral Brasil-China. Dessa forma, as contribuições da pesquisa são no sentido de esclarecer o pensamento antiglobalista brasileiro, bem como os seus efeitos sobre as relações bilaterais em termos de coordenação política, de comércio, de investimentos e de cooperação técnica.

Palavras-chave: Bolsonaro. Globalismo. Política externa brasileira. China. Ernesto Araújo.

ABSTRACT:

The main objectives of this article are to explain Brazilian anti-globalist thinking, the basis of Bolsonaro's foreign policy, to clarify his essentially anti-China bias and to contextualize Brazil-China relations between 2018 and 2021, identifying the emblematic facts that caused turmoil in the bilateral agenda. This research is exploratory in nature, in the sense of analyzing the particular meaning that globalism has for Brazilian foreign policy makers. For this, it carries out a brief literature review both on the concept of globalism and on Brazil-China relations, including a synthetic analysis of data on bilateral economic relations. Texts and speeches are considered, above all, by Ernesto Araújo, Felipe Martins and Olavo de Carvalho about globalism, as well as statements by the Presidency and Deputy Eduardo Bolsonaro on issues on the Brazil-China bilateral agenda. Thus, the research's contributions aim to clarify Brazilian anti-globalist thinking, as well as its effects on bilateral relations in terms of political coordination, trade, investments and technical cooperation.

Keywords: Bolsonaro. Globalism. Brazilian foreign policy. China. Ernesto Araújo.

Diego Trindade D'ávila Magalhães¹

¹ Professor de Relações Internacionais, Coordenador do Núcleo de Estudos Globais e membro do Conselho Universitário (CONSUNI) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor colaborador do Programa

INTRODUÇÃO

“Hoje escutamos que a marcha do globalismo é irreversível. Mas não é irreversível. Nós vamos lutar para reverter o globalismo e empurrá-lo de volta ao seu ponto de partida” (BRASIL, 2019). Assim, em seu discurso de posse, o ex-chanceler do Brasil Ernesto Araújo, que atuou no cargo entre 2019 e 2021, esclareceu a prioridade da sua gestão: o combate ao globalismo. Com ele convergem o assessor especial da presidência para assuntos internacionais, Filipe G. Martins, assessor presidencial para política externa, e outras figuras da chamada “ala ideológica” que influenciam a política externa no governo Bolsonaro, iniciado em janeiro de 2019.

Até então, tal temática nunca havia sido abordada por um Ministro de Relações Exteriores brasileiro. Isso, em parte, porque aquela concepção de globalismo do chanceler difere do entendimento prevalente na diplomacia brasileira, na literatura acadêmica e na diplomacia chinesa. Este artigo elucidará o exótico pensamento dos formuladores da política externa bolsonarista sobre o globalismo, mostrando como esse pensamento orienta a política externa brasileira contra a China.

Esse é o contexto da pergunta de pesquisa deste artigo: Como a perspectiva antiglobalista brasileira afetou as relações Brasil-China entre 2018 e 2021? É necessário entender a premissa ideológica construtora de uma agenda diplomática negativa entre Brasil e China. É preciso analisar os fatores que transplantaram o antiglobalismo brasileiro do plano das ideias párias à prática diplomática. Cabe também apontar indícios de como isso afetou as relações com a China, ao menos em aspectos diplomáticos, econômicos e de cooperação.

A presente pesquisa tem caráter exploratório, no sentido de analisar o particular significado que tem o globalismo para os formuladores da política externa brasileira. Não se aplica exatamente a técnica de análise de discurso, mas considera-se as acepções explícitas de textos e de pronunciamentos das lideranças políticas que formulam a política externa. Consideram-se textos e falas, sobretudo, de Ernesto Araújo, Filipe Martins e

de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência Política da UFG. Foi *Visiting fellow* na Universidade de Cambridge (Reino Unido) e *Visiting scholar* na Universidade Humboldt de Berlim (Alemanha) em estágio pós-doutoral. Doutor (2015) em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre (2010) e Bacharel (2007) em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil. Membro associado do Observare (Universidade Autónoma de Lisboa). E-mail: diegotdm@ufg.br.

Olavo de Carvalho acerca do globalismo. Pressupõe-se o papel central dessas pessoas como referência da família Bolsonaro.

Nesse sentido, o objetivo da primeira seção deste artigo é explicar de que modo a postura antiglobalista brasileira, por princípio, vai de encontro à perspectiva de uma boa e estratégica relação com a China. A segunda seção contextualiza as relações Brasil-China entre 2018 e 2021, com uma breve revisão da literatura, com análise de dados das relações econômicas bilaterais e com fatos emblemáticos geradores de turbulência na agenda bilateral.

ANTIGLOBALISMO BRASILEIRO ANTI-CHINA

Esta seção resume o pensamento antiglobalista brasileiro em três partes: as controvérsias com a literatura, a visão do Brasil no mundo e o viés anti-China. Cabem três ressalvas ao analisar academicamente características básicas desse pensamento: o pobre embasamento acadêmico (e.g. debate com autores seminais de Ciência Política e Relações Internacionais ou com quem publica em periódicos da área), a falta de embasamento empírico das observações e o fato de que ambas claramente derivam do despreparo acadêmico e profissional dos formuladores da política externa brasileira entre 2019 e 2021 (ALMEIDA, 2019; CHAGAS-BASTOS; FRANZONI, 2019; PASSARINHO, 2020; STUENKEL, 2019a; STUENKEL, 2019b;).

Parte da literatura usa o termo globalismo para se referir a “forças que atuam no desenvolvimento da globalização” (ALBROW, 1990, p. 9) ou um discurso ou narrativa favorável à globalização. Na visão neoliberal das Relações Internacionais, entende-se globalização como um processo de intensificação da interdependência em nível global e usa-se “globalismo” para denotar o nível de interdependência global em um dado momento (KEOHANE; NYE, 2001).

Na Economia Política Internacional e na Sociologia, visões críticas interpretam o globalismo como uma ideologia do neoliberalismo que favorece o mercado mundial em detrimento da ação política (BECK, 1999). Convergem com essa visão Boaventura de Sousa Santos (*apud* Liszt, 2002), Tavares (2002), Santos (2006) e Campos e Canavezes (2007). Tal visão critica o globalismo por identificá-lo como uma ideologia capitalista. Inversamente, Araújo e Martins criticam o globalismo por identificá-lo como uma

ideologia comunista.

Em relação ao debate sobre como o globalismo afeta a soberania do Estado na decisão e na execução de política econômica, as visões críticas ressaltam a submissão dos Estados aos imperativos do mercado mundial (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 10; BECK, 1999; CAMPOS & CANAVEZES, 2007, p. 11), da economia-mundo (WALLERSTEIN, 1976; ARRIGHI, 1996), ou, especificamente, das corporações transnacionais (STRANGE, 1994). Em contraste, Araújo (2017) e Martins (2018) enxergam como ameaça à soberania estatal as instituições símbolo do multilateralismo.

O globalismo ao qual o chanceler se referia em seu discurso de posse seria um projeto de dominação global, que ocorre por meio de mecanismos que buscam unificar todas as nações. Para Araújo (2017, p. 353), globalismo é “entendido como os padrões liberais antinacionais e antitradicionais na vida social e do mercado globalizado sem fronteiras na vida econômica”. Nuances à parte, o que Araújo (2017), Carvalho (2011; 2021) e Martins (2018) entendem como a “ameaça do globalismo” é o avanço de um plano de domínio mundial e a constituição de um governo mundial, o que implica a ruína dos Estados-nação e dos valores nacionais e civilizacionais contidos nestes.

Outra definição enfatiza o aspecto ideológico do globalismo: “Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão” (ARAÚJO, 2018a). O chanceler defende, portanto o antiglobalismo, em apoio a conceitos modernos de Ocidente, cristandade e soberania nacional, e contra conceitos pós-modernos de valores universais, de direitos humanos, de multilateralismo e de regionalismo (ARAÚJO, 2017).

As ideias de Araújo, particularmente a de “Trump salvando o Ocidente” (ARAÚJO, 2017), chegaram aos ouvidos de Olavo de Carvalho, que provavelmente influenciou filhos de Bolsonaro, o que levou à escolha do chanceler em 2018 (ALMEIDA 2019; CHAGAS-BASTOS & FRANZONI, 2019; FLECK 2019). Visto como guru do conservadorismo no Brasil, Carvalho tem sido figura central da “facção antiglobalista”, do “grupo olavista” e do “gabinete do ódio”, com grande influência na cúpula do poder Executivo brasileiro. Assim, o antiglobalismo tornou-se a pedra angular da política externa brasileira em 2019. Evidentemente, isso impactaria as relações Brasil-China.

Lastreia o pensamento antiglobalista brasileiro a obra de Samuel Huntington (2000), que vê o choque de civilizações como a essência da política internacional pós-

Guerra Fria, ou seja, conflitos culturais prevaleceriam sobre a geopolítica ou a geoeconomia. Críticas à obra apontavam, por exemplo, a falta de base empírica nos argumentos de Huntington (TUSICISNY, 2004): tanto pelo argumento central quanto pela crítica, há convergência entre aquele autor e os antiglobalistas brasileiros.

A obra de Huntington (2000) também foi criticada por premissas insuficientemente justificadas acerca da classificação das nações por matriz civilizacional, em que, por exemplo, o Brasil seria parte da civilização “latino-americana”, e não do Ocidente. De fato, essa visão do Brasil é comum em países anglo-saxônicos e na Europa. Pensadores brasileiros da área de Relações Internacionais sublinham, inclusive, que a desconexão entre o Brasil e o “Ocidente” deu-se historicamente por agressões do imperialismo europeu no século XIX e por intervenções dos Estados Unidos (EUA) na América Latina contra regimes democráticos e a favor de regimes autoritários (CERVO, 2010; RICUPERO, 2017; LAFER, 2009; BANDEIRA, 2006; LIMA, 2013).

Apesar disso, o discurso nacionalista antiglobalista e conservador do ex-presidente dos EUA Donald Trump inspirou e atraiu a política externa bolsonarista (GRAGNANI, 2019). Nesse sentido, os antiglobalistas brasileiros consideram o país parte da civilização “ocidental judaico-cristã” e que a “nacionalidade” (“essência” ou “espírito”) estaria sob a ameaça do globalismo (ARAÚJO, 2017). Araújo (2017, p. 328-333) argumenta que conceitos de multilateralismo, intergovernamentalismo, governança global e valores universais apenas disfarçam o impulso de blocos regionais e das Nações Unidas rumo ao supranacionalismo e ao governo mundial em detrimento de valores nacionais e soberania. Martins (2018) argumenta que o globalismo erode democracias porque implicaria na transferência do processo decisório nacional para instituições internacionais menos transparentes lideradas por burocratas sem pátria.

Ambos geralmente referem-se a um dos três tipos de globalismo concebidos por Carvalho (2011). O primeiro seria o globalismo ocidental, ou do Clube de Bilderberg; o segundo o globalismo sino-russo ou “comunista”, e o terceiro o globalismo islâmico (BRASIL PARALELO, 2017). Para Carvalho (TV BRASIL, 2021), cada tipo de globalismo é liderado por um agente, o que não se refere a classes ou nações. Ele argumenta que o conceito de agente requer unicidade na ação (CARVALHO, 2021), então, a agência se refere, no caso globalismo ocidental, por exemplo, a um grupo de

pessoas do Clube de Bilderberg, que, supostamente, por terem poder e por agirem de modo coeso, influenciam dezenas de Estados.

O Clube de Bilderberg refere-se a *petit comité* ou *board* de poucas pessoas que organizam encontros desde 1954 com convidados das elites política, econômica e intelectual para discussões informais sobre temas globais (BILDERBERG MEETINGS, 2021). A exemplo da conferência de 2019 (BILDERBERG MEETINGS, 2019), todos os países de origem dessas pessoas são membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), localizados na América do Norte e na Europa, exceto a Suécia, que não é membro da aliança militar, mas é um dos poucos parceiros especiais da OTAN, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Reunião do Clube de Bilderberg de 2019: quem, quando, onde e sobre quê

Montreux, 30 May - 2 June 2019

The key topics for discussion this year are:

1. A Stable Strategic Order; 2. What Next for Europe?; 3. Climate Change and Sustainability; 4. China; 5. Russia; 6. The Future of Capitalism; 7. Brexit; 8. The Ethics of Artificial Intelligence; 9. The Weaponisation of Social Media; 10. The Importance of Space; 11. Cyber Threats

BOARD

Castries, Henri de (FRA), Chairman, Steering Committee; Chairman, Institut Montaigne
Kravis, Marie-Josée (USA), President, American Friends of Bilderberg Inc.; Senior Fellow, Hudson Institute
Halberstadt, Victor (NLD), Chairman Foundation Bilderberg Meetings; Professor of Economics, Leiden University
Achleitner, Paul M. (DEU), Treasurer Foundation Bilderberg Meetings; Chairman Supervisory Board, Deutsche Bank AG

PARTICIPANTS

Abrams, Stacey (USA), Founder and Chair, Fair Fight; Adonis, Andrew (GBR), Member, House of Lords; Albers, Isabel (BEL), Editorial Director, De Tijd / L'Echo; Altman, Roger C. (USA), Founder and Senior Chairman, Evercore
Arbour, Louise (CAN), Senior Counsel, Borden Ladner Gervais LLP; Arrimadas, Inés (ESP), Party Leader, Ciudadanos; Azoulay, Audrey (INT), Director-General, UNESCO; Baker, James H. (USA), Director, Office of Net Assessment, Office of the Secretary of Defense; Balta, Evren (TUR), Associate Professor of Political Science, Özyegin University; Barbizet, Patricia (FRA), Chairwoman and CEO, Temaris & Associés; Barbot, Estela (PRT), Member of the Board and Audit Committee, REN (Redes Energéticas Nacionais); Barroso, José Manuel (PRT), Chairman, Goldman Sachs International; Former President, European Commission; Barton, Dominic (CAN), Senior Partner and former Global Managing Partner, McKinsey & Company; Beaune, Clément (FRA), Adviser Europe and G20, Office of the President of the Republic of France; Boos, Hans-Christian (DEU), CEO and Founder, Arago GmbH
Bostrom, Nick (GBR), Director, Future of Humanity Institute, Oxford University; Botín, Ana P. (ESP), Group Executive Chair, Banco Santander; Brandtzæg, Svein Richard (NOR), Chairman, Norwegian University of Science and Technology; Brende, Børge (NOR), President, World Economic Forum; Buberl, Thomas (FRA), CEO, AXA
Buitenweg, Kathalijne (NLD), MP, Green Party; Caine, Patrice (FRA), Chairman and CEO, Thales Group; Carney, Mark J. (GBR), Governor, Bank of England; Casado, Pablo (ESP), President, Partido Popular; Ceviköz, Ahmet Ünal (TUR), MP, Republican People's Party (CHP); Cohen, Jared (USA), Founder and CEO, Jigsaw, Alphabet Inc.; Croiset van Uchelen, Arnold (NLD), Partner, Allen & Overy LLP; Daniels, Matthew (USA), New space and technology projects, Office of the Secretary of Defense; Demiralp, Selva (TUR), Professor of Economics, Koç University
Donohoe, Paschal (IRL), Minister for Finance, Public Expenditure and Reform; Döpfner, Mathias (DEU), Chairman and CEO, Axel Springer SE; Ellis, James O. (USA), Chairman, Users' Advisory Group, National Space Council; Feltri, Stefano (ITA), Deputy Editor-in-Chief, Il Fatto Quotidiano; Ferguson, Niall (USA), Milbank Family Senior Fellow,

Hoover Institution, Stanford University; Finsen, Lars (DNK), Director, Danish Defence Intelligence Service; Fleming, Jeremy (GBR), Director, British Government Communications Headquarters; Garton Ash, Timothy (GBR), Professor of European Studies, Oxford University; Gnodde, Richard J. (IRL), CEO, Goldman Sachs International; Godement, François (FRA), Senior Adviser for Asia, Institut Montaigne; Grant, Adam M. (USA), Saul P. Steinberg Professor of Management, The Wharton School, University of Pennsylvania; Gruber, Lilli (ITA), Editor-in-Chief and Anchor "Otto e mezzo", La7 TV; Hanappi-Egger, Edeltraud (AUT), Rector, Vienna University of Economics and Business; Hedegaard, Connie (DNK), Chair, KR Foundation; Former European Commissioner; Henry, Mary Kay (USA), International President, Service Employees International Union; Hirayama, Martina (CHE), State Secretary for Education, Research and Innovation; Hobson, Melody (USA), President, Ariel Investments LLC; Hoffman, Reid (USA), Co-Founder, LinkedIn; Partner, Greylock Partners; Hoffmann, André (CHE), Vice-Chairman, Roche Holding Ltd.; Jordan, Jr., Vernon E. (USA), Senior Managing Director, Lazard Frères & Co. LLC; Jost, Sonja (DEU), CEO, DexLeChem; Kaag, Sigrid (NLD), Minister for Foreign Trade and Development Cooperation; Karp, Alex (USA), CEO, Palantir Technologies; Kerameus, Niki K. (GRC), MP; Partner, Kerameus & Partners; Kissinger, Henry A. (USA), Chairman, Kissinger Associates Inc.; Koç, Ömer (TUR), Chairman, Koç Holding A.S.; Kotkin, Stephen (USA), Professor in History and International Affairs, Princeton University; Krastev, Ivan (BUL), Chairman, Centre for Liberal Strategies; Kravis, Henry R. (USA), Co-Chairman and Co-CEO, Kohlberg Kravis Roberts & Co.; Kristersson, Ulf (SWE), Leader of the Moderate Party; Kudelski, André (CHE), Chairman and CEO, Kudelski Group; Kushner, Jared (USA), Senior Advisor to the President, The White House; Le Maire, Bruno (FRA), Minister of Finance; Leyen, Ursula von der (DEU), Federal Minister of Defence; Leysen, Thomas (BEL), Chairman, KBC Group and Umicore; Liikanen, Erkki (FIN), Chairman, IFRS Trustees; Helsinki Graduate School of Economics; Lund, Helge (GBR), Chairman, BP plc; Chairman, Novo Nordisk AS; Maurer, Ueli (CHE), President of the Swiss Federation and Federal Councillor of Finance; Mazur, Sara (SWE), Director, Investor AB; McArdle, Megan (USA), Columnist, The Washington Post; McCaskill, Claire (USA), Former Senator; Analyst, NBC News; Medina, Fernando (PRT), Mayor of Lisbon; Mickelthwait, John (USA), Editor-in-Chief, Bloomberg LP; Minton Beddoes, Zanny (GBR), Editor-in-Chief, The Economist; Monzón, Javier (ESP), Chairman, PRISA; Mundie, Craig J. (USA), President, Mundie & Associates; Nadella, Satya (USA), CEO, Microsoft; Netherlands, His Majesty the King of the (NLD); Nora, Dominique (FRA), Managing Editor, L'Obs; O'Leary, Michael (IRL), CEO, Ryanair D.A.C.; Pagoulatos, George (GRC), Vice-President of ELIAMEP, Professor; Athens University of Economics; Papalexopoulos, Dimitri (GRC), CEO, TITAN Cement Company S.A.; Petraeus, David H. (USA), Chairman, KKR Global Institute; Pienkowska, Jolanta (POL), Anchor woman, journalist; Pottinger, Matthew (USA), Senior Director, National Security Council; Pouyanné, Patrick (FRA), Chairman and CEO, Total S.A.; Ratas, Jüri (EST), Prime Minister; Renzi, Matteo (ITA), Former Prime Minister; Senator, Senate of the Italian Republic; Rockström, Johan (SWE), Director, Potsdam Institute for Climate Impact Research; Rubin, Robert E. (USA), Co-Chairman Emeritus, Council on Foreign Relations; Former Treasury Secretary; Rutte, Mark (NLD), Prime Minister; Sabia, Michael (CAN), President and CEO, Caisse de dépôt et placement du Québec; Sarts, Janis (INT), Director, NATO StratCom Centre of Excellence; Sawers, John (GBR), Executive Chairman, Newbridge Advisory; Schadlow, Nadia (USA), Senior Fellow, Hudson Institute; Schmidt, Eric E. (USA), Technical Advisor, Alphabet Inc.; Scholten, Rudolf (AUT), President, Bruno Kreisky Forum for International Dialogue; Seres, Silvija (NOR), Independent Investor; Shafik, Minouche (GBR), Director, The London School of Economics and Political Science; Sikorski, Radoslaw (POL), MP, European Parliament; Singer, Peter Warren (USA), Strategist, New America; Sitti, Metin (TUR), Professor, Koç University; Director, Max Planck Institute for Intelligent Systems; Snyder, Timothy (USA), Richard C. Levin Professor of History, Yale University; Solhjell, Bård Vegar (NOR), CEO, WWF – Norway; Stoltenberg, Jens (INT), Secretary General, NATO; Suleyman, Mustafa (GBR), Co-Founder, Deepmind; Supino, Pietro (CHE), Publisher and Chairman, Tamedia Group; Teuteberg, Linda (DEU), General Secretary, Free Democratic Party; Thiam, Tidjane (CHE), CEO, Credit Suisse Group AG; Thiel, Peter (USA), President, Thiel Capital; Trzaskowski, Rafal (POL), Mayor of Warsaw; Tucker, Mark (GBR), Group Chairman, HSBC Holding plc; Tugendhat, Tom (GBR), MP, Conservative Party; Turpin, Matthew (USA), Director for China, National Security Council; Uhl, Jessica (NLD), CFO and Executive Director, Royal Dutch Shell plc; Vestergaard Knudsen, Ulrik (DNK), Deputy Secretary-General, OECD; Walker, Darren (USA), President, Ford Foundation; Wallenberg, Marcus (SWE), Chairman, Skandinaviska Enskilda Banken AB; Wolf, Martin H. (GBR), Chief Economics Commentator, Financial Times; Zeiler, Gerhard (AUT), Chief Revenue Officer, WarnerMedia; Zetsche, Dieter (DEU), Former Chairman, Daimler AG

Fonte: este autor. A partir de BILDERBERG MEETINGS (2019).

Apesar da mistificação olaviana, o Clube de Bilderberg é apenas uma de dezenas de ocasiões em que elites do mesmo nível se reúnem. Conferências semelhantes, tais

como a do World Economic Forum, ou, em menor escala, as organizadas pelo Institute for Cultural Diplomacy, em Berlim, poderiam igualmente inspirar teorias conspiratórias. Para além disso, Carvalho não comprova empiricamente a coesão dos convidados daquele Clube. Pelo contrário, há uma diversidade de interesses, por vezes conflitantes, entre representantes de tão ampla origem: Greenpeace e petroleiras, partidos políticos liberais e conservadores, bancos e industriais, analistas políticos e líderes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e da OTAN etc. Portanto, é implausível deduzir que o “clube” seja particularmente poderoso, que haja convergência de interesses ou que estes sejam contaminados pelo “marxismo cultural”.

O primeiro tipo de globalismo é visto pelos antiglobalistas como elites de esquerda que buscam dominação difundindo pautas que reduzem a soberania dos Estados, como o combate mundial às mudanças climáticas (BRASIL PARALELO, 2017; TV BRASIL 2021). O marxismo cultural, que passou a ser difundido a partir da Escola de Frankfurt, estaria sendo difundido pelas artes (música, cinema, teatro) e pelo meio acadêmico, introduzindo o politicamente correto e outros valores (ou ausência deles) para que estes substituam gradualmente aqueles valores tradicionais da civilização ocidental judaico-cristã (CARVALHO, 2002).

O segundo tipo de globalismo seria o comunista, liderado pelas elites governamentais da Rússia e da China. A sua difusão ocorreria via marxismo clássico, no sentido de tornar a economia o centro de referência universal de valores e comportamentos (BRASIL PARALELO, 2017; TV BRASIL, 2021; CARVALHO, 2011).

Por fim, o globalismo islâmico seria encabeçado por lideranças religiosas e representado por povos islâmicos, que estariam lentamente se infiltrando em países ocidentais, migrando e difundindo o Islã, com o suposto objetivo de estabelecer um califado global (CARVALHO, 2011; BRASIL PARALELO, 2017). Se o esquema russo-chinês privilegiaria o ponto de vista geopolítico e militar, o ocidental evidencia o ponto de vista econômico e o islâmico a disputa de religiões (CARVALHO, 2011). O Quadro 2 resume os três projetos globalistas.

Quadro 2: Projetos globalistas imaginados por Olavo de Carvalho

Projeto	Atores	Mecanismo de	Alvo	Objetivo
---------	--------	--------------	------	----------

globalista		expansão		
Ocidental / Clube de Bilderberg	Clube de Bilderberg, outras elites burocráticas, instituições supra-nacionais	Marxismo cultural, Foros de cooperação internacional	Arte e costumes ocidentais, soberania dos Estados	Governo global de esquerda
Comunista / Russo-Chinês	Rússia, China, outros países comunistas	Influência econômica, marxismo clássico	Economia global, capitalismo	Governo global comunista
Islâmico	Países/povos árabes	Islã	religião ocidental	Califado global

Fonte: Magalhães (ANO).

Devido a essa percepção de que “nós” do Ocidente estaríamos ameaçados por inimigos de várias partes do mundo que visam destruir “nosso” modo de vida e cultura, os formadores de política externa do governo Bolsonaro posicionam-se contra esses projetos globalistas, opondo-se a pautas ambientais, afirmando que o climatismo é uma tática globalista de instilar o medo para obter mais poder (ARAÚJO, 2018). Opõem-se também a políticas específicas de inclusão de grupos LGBTQIA+, tolerância religiosa, feminismo, educação, politicamente correto e afins, por entender que são questões que são subvertidas pelo globalismo para destruir a moral ocidental judaico-cristã (ARAÚJO, 2018). Opõem-se à imigração, por considerarem que esta facilita a entrada de agentes do globalismo em território nacional (BRASIL PARALELO, 2017). Além disso, desconfiam dos mecanismos multilaterais de cooperação, como se estes objetivassem subtrair a soberania nacional e justificassem decisões de forma unilateral ou em negociações bilaterais (MARTINS, 2019). O Quadro 3 resume os posicionamentos diplomáticos decorrentes do antiglobalismo brasileiro.

Quadro 3: Posicionamentos decorrentes do antiglobalismo brasileiro

Dimensão	Posicionamento
Ambiental	Ceticismo por considerar pautas exageradas para reduzir soberania dos países
Cultura e Costumes	Conservadorismo por considerar pautas anticristãs difundidas pelo marxismo cultural para destruir a cultura ocidental
Imigração	Contrários a políticas de imigração por potencializar entrada de agentes infiltrados do globalismo em território nacional
Cooperação Internacional	Aversão a mecanismos de cooperação internacional e outros atores não-estatais por vê-los como conjunto de burocratas anônimos buscando impor sua vontade sobre a soberania dos Estados
Econômica	Defesa do livre mercado, mas ao mesmo tempo uma indisposição a fazer negócios com países ligados a projetos globalistas

Fonte: este autor.

Notam-se fissuras e a superficialidade nas premissas sobre os supostos projetos globalistas. São ignorados no pensamento antiglobalista brasileiro conhecimentos básicos que diferenciam a China da Rússia, que reconhecem a diversidade nacional e cultural de povos islâmicos, e que distinguem instituições intergovernamentais daquelas supranacionais. A própria ideia de um projeto de dominação global é vista por muitos membros da comunidade internacional como uma teoria de conspiração ou uma forma de utilizar críticas conservadoras contrárias ao multilateralismo como slogan político (GRAGNANI, 2019). Aquele pensamento também ignora a incapacidade de soluções nacionais para responder a problemas factuais e efetivamente globais. Estes requerem cooperação e instituições internacionais (HARARI, 2015).

A percepção de que o Brasil estaria cercado de inimigos visando a destruição de sua soberania, costumes e economia, leva o país a abandonar políticas de boa vizinhança, cooperação e não-intervenção por uma política mais isolacionista que alimenta agenda negativa com parceiros estratégicos e atenta contra o próprio interesse nacional (RICUPERO, 2019). À medida que o Brasil se tornava um “país pária”, algo que orgulhosamente Araújo mencionara certa vez, arrefeciam as suas relações com a China no plano diplomático e, como consequência, em agendas específicas.

EFEITOS DA TURBULÊNCIA DIPLOMÁTICA NAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA (2018-2021)

Diferentemente das percepções não-empiricamente embasadas dos antiglobalistas brasileiros, parte substantiva da literatura sobre o assunto interpreta a inserção internacional da China como reformista. Ou seja, a China não propõe um paradigma de governo mundial, não busca exportar ou impor o seu modelo político-econômico a outros países e não adota agenda ideologicamente comunista. O reformismo chinês não pretende destruir o sistema multilateral baseado em instituições liberais criado no fim da II Guerra Mundial, e sim adaptá-lo à nova realidade da distribuição de poder político e econômico no século XXI (NEDAL, 2014; KISSINGER, 2015). A China tem reconhecido os benefícios das instituições multilaterais, ao passo que tem buscado se aproximar dos países do Sul Global, inclusive o Brasil, com vistas ao alcance de interesses comuns,

lutando por maior representação desse grupo de países naquelas instituições (MAGALHÃES, ano).

A partir do estabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e a República Popular da China (não mais República da China, Taiwan) em 1974, intensificou-se a coordenação política entre ambos. Contudo, antes de ser eleito, Bolsonaro declarou o seu plano de acabar com a postura amigável em relação a regimes comunistas (STUENKEL, 2019b). Nenhum candidato ou presidente eleito do Brasil havia visitado Taiwan, mas Bolsonaro fora em 2018, sinalizando incerteza sobre o futuro das relações de Brasília com Pequim e estimulando a China a instar o Brasil a reconhecer a política de “uma só China” logo após a posse presidencial (HONGYING, 2019).

Apesar dessas posturas recentes, desde os anos 1980, notou-se a convergência de interesses bilaterais, haja vista a coincidência de votos em diversas agendas e fóruns internacionais (SARNEY, 2016). As relações bilaterais alcançaram status especial com a oficialização da parceria estratégica Brasil-China em 1993 e com a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN) em 2004 (BRASIL, 2020). Desse contexto surgiu uma das mais profícuas iniciativas de cooperação científica: o China-Brazil Earth Resources Satellite Program (CBERS), de 1988 (RIBEIRO, 2019). O CBERS tem sido um pilar emblemático do avanço brasileiro na tecnologia aeroespacial, redundando no lançamento de seis satélites, em 1999, 2003, 2007, 2013 e 2019 (BRASIL, 2020).

Aquela coordenação política aumentou o poder de barganha do Brasil em negociações com Estados mais poderosos no fórum político-econômico G-20 (criado em 1999) e na Organização Mundial do Comércio, por exemplo. O fórum que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) contribuiu para ações coordenadas para reformar a ordem política e econômica global, e, similarmente, o grupo BASIC, que reúne Brasil, África do Sul, Índia e China, articulou estas potências emergentes na agenda ambiental (NEDAL, 2014; STUENKEL, 2017; MAGALHÃES, ano).

Apesar dos mencionados atritos nas relações bilaterais entre o fim de 2018 e o início de 2019, as visitas do vice-Presidente Mourão à China para reunião da COSBAN, a visita de Bolsonaro a Pequim e a visita do Presidente Xi Jinping a Brasília para a reunião do BRICS, respectivamente, em maio, em outubro e em novembro de 2019, pareciam uma normalização das relações. Por um lado, ambos os países afirmaram compromisso

com uma “Parceria Estratégica Global” e assinaram acordos bilaterais e memorandos de entendimento em áreas da justiça, transporte, exportação de alimentos, investimentos, comércio, serviços e cultura. (RODRIGUES; MAZUI; BARBIÉRI, 2019; SENRA, 2019).

Por outro lado, o desgaste diplomático transpareceu na reunião virtual do BRICS em 2020. Jinping defendeu a cooperação multilateral, já Bolsonaro criticou a Organização Mundial da Saúde (OMS), instituição onde o Brasil tem voz e voto e negocia com outros membros. Jinping anunciou metas de redução das emissões de carbono e defendeu o Acordo de Paris, de 2015, acordo negociado e assinado pelo Brasil, mas Bolsonaro anunciou que exporia países que criticam o Brasil na questão ambiental e que compram madeira extraída ilegalmente (PARAGUASSU, 2020). Além disso, o Brasil tem atrasado o pagamento da sua cota ao banco do BRICS, o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB na sigla em inglês), repercutindo mal diplomaticamente e arriscando a posição do Brasil no NDB (APOLINÁRIO JÚNIOR, 2021).

Em vídeo de reunião ministerial em 22 de abril de 2020, que foi aberta ao público, Araújo afirmou que a globalização seria cega para os valores e teria criado um modelo onde no centro da economia mundial está um país que não é democrático e não respeita os direitos humanos, em clara referência à China, sendo que uma segunda fala, que foi censurada, mencionava a China (ZARUR, 2021). Coerentemente, antes de deixar o cargo, o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo (2021), agradeceu a Bolsonaro por afastar o Brasil da China.

Naturalmente, o interesse pragmático brasileiro na manutenção de boas relações com a China lastreia-se não apenas pela coordenação política e pela cooperação técnica, mas também pelos benefícios econômicos. Por um lado, Bolsonaro declarou em entrevista à TV Band durante a campanha eleitoral que a China “não está comprando no Brasil, está comprando o Brasil”. E o ex-ministro Araújo (2019) expressou que a estagnação econômica brasileira coincidia com o período em que a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil.

Desde 2009, a China tem sido o maior parceiro comercial do Brasil (BRASIL, 2020) e principal responsável pelo *superávit* no comércio exterior brasileiro (UNCTADstat, 2021), contribuindo claramente para o crescimento econômico, para a criação de emprego e renda e para a estabilidade do balanço de pagamentos do Brasil.

Contribuíram também as 176 empresas chinesas que investiram US\$ 66 bilhões no Brasil de 2007 a 2020 (CARIELLO, 2021). Em 2020, seja pela postura anti-China do governo Bolsonaro, seja pela pandemia de COVID-19, a China diminuiu investimentos externos, sendo que o recuo no Brasil foi maior (INVESTIMENTOS CHINESES, 2021). O Quadro 4 sintetiza a importância econômica da China para o Brasil em 2020.

Quadro 4: Síntese da importância econômica da China para o Brasil (2020).

O que a China representava para o Brasil em 2020?	US\$ bilhões	Percentual	Ranking
Destino de exportações do Brasil	68	32%	1º
Origem de importações para o Brasil	37	23%	1º
Contribuição para o superávit comercial brasileiro	31	62%	1º
Fonte de investimentos externos diretos no Brasil	1,9	6%	Incerto
Fonte de investimentos em portfólio no Brasil	1,2	0,4%	Incerto

Fonte: este autor. Dados de UNCTADstat (2021), Agência O Globo (2021), IMF DATA (2021) e Cariello (2021).

A pandemia de COVID-19 marcou um novo período de turbulência diplomática, sobretudo porque ecoavam nas lideranças políticas brasileiras as falas de Trump acusando a China de ser responsável pelo vírus e de dominar a Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse discurso se encaixava na postura antiglobalista brasileira.

Ao culpar a China pela pandemia, o deputado (ex-presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados) e filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, recebeu resposta da Embaixada da China em Brasília, o que envolveu tanto Araújo quanto Mourão criticando o modo como a resposta foi feita. Em meio aos ruídos diplomáticos, o ex-Ministro da Educação, Abraham Weintraub, publicou piada com a pandemia sendo racista contra chineses, recebendo também resposta do embaixador chinês. Araújo chegou a pedir a troca do embaixador (FREIRE, 2020).

O chanceler publicou texto intitulado “Chegou o Coronavírus”, provocando ruído na relação Brasil-China, embora ele tenha dito posteriormente que o texto criticava uma obra de Slavoj Žižek e que não era direcionado à China (ARAÚJO, 2020). Nesse contexto, o presidente Bolsonaro anunciou que o Brasil não compraria vacinas chinesas e cancelaria milhões de doses da CoronaVac, vacina desenvolvida pela China em parceria

com o Instituto Butantã, que é mantido pelo estado de São Paulo. Questionando a confiabilidade da vacina, chamou-a de “vacina chinesa do Dória” (ou “vachina”, em outro momento), governador de São Paulo que é seu desafeto político e que vê como potencial adversário em campanha presidencial (ANDRADE, 2020).

Em janeiro de 2021, mês em que a falta de respiradores em Manaus provocou um salto na mortalidade decorrente da COVID-19, Araújo no Fórum Econômico Mundial falou da necessidade de se contrapor ao “tecno totalitarismo” chinês. Ainda neste evento, o chanceler disse que com a globalização, tinha esperança de que a China se tornasse mais ocidental, mas que ocorreu o contrário, os países ocidentais que estavam ficando mais como a China (ZARUR, 2021). Com essa postura, o Brasil não conseguiria usufruir pragmaticamente da sua parceria estratégica sino-brasileira. A turbulência provavelmente prejudicou o acesso do Brasil a equipamentos de proteção individual, respiradores mecânicos e insumos para vacinas provenientes da China (FREIRE, 2020; MOREIRA, 2020).

Outro tema turbulento tem sido a disputa sobre a implantação do padrão de tecnologia de telecomunicações 5G no Brasil. Entre as poucas empresas fornecedoras de equipamentos e serviços com essa tecnologia estão as chinesas Huawei e ZTE, que competem tecnicamente, por exemplo, com sueca Ericsson e a finlandesa Nokia. Há décadas aquelas empresas chinesas fornecem equipamentos e serviços a empresas estrangeiras não-chinesas operando redes móveis e banda larga no Brasil. Politicamente, a questão somou-se à agenda negativa do Brasil com a China. Seguindo o padrão anterior, Eduardo Bolsonaro ecoou falas de Trump, apoiou o projeto dos EUA de 5G e acusou a China de espionagem por meio dessa tecnologia, o que provocou resposta do embaixador chinês seguida do apoio de Araújo ao deputado (CHINA REPUDIA, 2020; ZARUR, 2021).

Araújo convergia com o deputado no tocante a essa agenda. Ele acusou a senadora Kátia Abreu, presidente da Comissão de Relações Exteriores, de fazer lobby pelo 5G chinês, enquanto ela defendia que não houvesse preconceito contra a China no leilão sobre essa tecnologia. Esse desentendimento foi o estopim para o pedido de demissão de Araújo no dia 29 de março de 2021 (SANCHES, 2021).

Somou-se a esse estopim o acúmulo de interesses econômicos que defendiam a tradicional relação de alto nível entre Brasil e China. Vultosos fluxos de investimentos e

de comércio fazem convergir interesses de empresas (grandes ou pequenas, brasileiras ou chinesas) e políticos brasileiros que discordam da visão antiglobalista anti-China. São comerciantes, agricultores, mineradores, construtores, petroleiros, entre outros, bem como o vice-presidente Mourão, boa parte de governadores de estados, entre outros (SENRA, 2019). As bases para um cenário negativo para esses grupos têm sido construídas, incluindo sinais do interesse chinês em diversificar as suas fontes de importação, fomentando, por exemplo, a produção de soja em países africanos (MENDES, 2020).

CONCLUSÃO

É sem precedente a turbulência nas relações Brasil-China. Desde 1974, ambos os países construíram gradualmente uma relação de mais alto nível, com uma agenda abrangente e profunda. Entre as eleições presidenciais do Brasil de 2018 e a gestão do ex-chanceler Ernesto Araújo (2019-2021), as relações bilaterais passaram pela sua pior fase. A turbulência diplomática resultou da postura essencialmente antiglobalista brasileira, que fora a pedra angular da política externa bolsonarista.

Essa postura é baseada em, por assim dizer, um pensamento antiglobalista brasileiro que não encontra respaldo nem literatura acadêmica acerca dos conceitos de globalismo e de globalização nem em comprovação empírica. Por isso, é exótica e fundamentalmente conspiracionista. Aquela postura diplomática brasileira anti-China insuflou uma forte agenda negativa.

A turbulência nas relações bilaterais Brasil-China, por um lado, prejudicou menos as dinâmicas dependentes da sociedade, a exemplo dos exportadores de soja e minério ou comerciantes de produtos importados da China. Nesse sentido, a corrente comercial oscilou mais por conta de variáveis mercadológicas, e não políticas.

Por outro lado, a turbulência diplomática afetou áreas direta ou indiretamente dependentes do Estado. Há indícios de que a queda no influxo de investimentos chineses no Brasil em 2020, maior do que em outros países, decorreu do fato de que aqueles se concentram justamente em setores com forte presença ou regulamentação estatal, a exemplo de energia elétrica, petróleo, transportes e telecomunicações. Infere-se também que, não fosse aquela turbulência, a parceria estratégica com a China poderia ter

justificado a preferência do Brasil no atendimento de demandas nacionais urgentes, como equipamentos de proteção individual, respiradores mecânicos e insumos para vacinas, o que salvaria milhares de vidas brasileiras.

A agenda negativa, presume-se, prejudicou o potencial da cooperação bilateral. É necessário investigar em que medida novas iniciativas de cooperação técnica foram prejudicadas. A abertura de arquivos diplomáticos do Brasil a futuras pesquisas documentais deve viabilizar a comprovação empírica de que os potenciais benefícios da relação Brasil-China não se realizaram por ações e omissões deliberadas do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBROW, Martin. Globalization, Knowledge and Society. In: ALBROW, Martin; KING, Elizabeth (Eds.). **Globalization, Knowledge and Society: Readings from “International Sociology”**. London: Sage Publications, 1990.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Miséria da Diplomacia: a destruição da inteligência do Itamaraty. Boa Vista: UFRR, 2019.

ANDRADE, Hanrikson de. Bolsonaro cancela acordo por CoronaVac: 'Toda vacina está descartada'. **UOL**, Brasília, 21 out. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/21/bolsonaro-cancela-acordo-por-coronavac-nao-abro-mao-da-minha-autoridade.htm>. Acesso em: 18 jul. 2021.

APOLINÁRIO JÚNIOR, Laerte. “Brasil atrasa pagamentos ao Novo Banco dos BRICS e perde espaço na instituição”. **Revista Forum**, São Paulo, 12 maio 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/terraemtranse/brasil-atrasa-pagamentos-ao-novo-banco-dos-brics-e-perde-espaco-na-instituicao-blog-terra-em-transe/#>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ARAÚJO, Ernesto H. F. “Trump e o Ocidente”. **Cadernos de Política Exterior**, Brasília, ano 3, v. 3, n. 6, p. 323-358, Dez. 2017.

ARAÚJO, Ernesto H. F. “Aula magna do ministro de Estado das Relações Exteriores”. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 11 mar. 2019. Disponível em <<http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2912>> Acesso em: 21/08/2021

ARAÚJO, Ernesto H. F. “About me”. *Metapolítica 17 – contra o globalismo (blog)*. 22 set. 2018a. Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/about>> Acesso em: 21 jun. 2021.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. *In: Sequestrar e perverter*. [S. l.], 12 out. 2018. Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/blog/sequestrar-e-perverter>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

_____. **Chegou o Comunavírus**: O Coronavírus nos faz despertar novamente para o pesadelo comunista. Brasília, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/post/chegou-o-comunav%C3%ADrus>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso

tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. “O Brasil e a América do Sul”. In **Relações Internacionais do Brasil: temas e agendas**. Vol 1. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 267-298.

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. Prefácio. In: HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em Questão**. Petrópoles: Vozes, 1998.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** Equívocos do Globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BILDERBERG MEETINGS. “BILDERBERG MEETING 2019”. [S.l.] 2019
Disponível em: <<https://bilderbergmeetings.org/press/press-release/press-release>>
Acesso em: 21 jul. 2021.

BILDERBERG MEETINGS. “About”. [S. l.], 2021. Disponível em:
<<https://bilderbergmeetings.org/>> Acesso em: 18 jul. 2021.

BRASIL. Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de posse no Ministério das Relações Exteriores. Brasília, 2 jan. 2019. Disponível em:
<<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante-cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019>> Acesso em: 27 maio 2019.

BRASIL. “República Popular da China”. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2020. Disponível em <<http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4926-republica-popular-da-china>> Acesso em: 19/07/2021

BRASIL PARALELO. "Globalismo: Bastidores do Mundo | Debate entre Olavo de Carvalho e Paulo R. de Almeida". Youtube, 13 dez. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CkqQhnApLow>> Acesso em: 18 jul. 2021.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. Instituto Bento Jesus Caraça, abr. 2007. Disponível em:
<<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2014.

CARIELLO, Tulio. Investimentos Chineses no Brasil: histórico, tendências e desafios globais (2007-2020). Rio de Janeiro: Conselho Empresarial Brasil-China - CEBC, 2021.

CARVALHO, Olavo de. “Os donos do mundo”. **Diário do Comércio**, 21 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/os-donos-do-mundo/>> Acesso em: 21 jun. 2021.

CARVALHO, Olavo de. Do marxismo cultural. **O Globo**, [S. l.], 8 jun. 2002. Opinião, p. 7. Disponível em:
<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=do+marxismo+cultural>. Acesso em: 18 set. 2019.

CASARÕES, Guilherme. 2020. “The First Year of the Bolsonaro’s Foreign Policy”. In: **Latin America and the New Global Order. Dangers and Opportunities in a Multipolar World**. Milan: Ledizioni LediPublishing.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. 3ª Edição, 2ª reimpressão. Brasília: Ed. Universidade de Brasília / Instituto de Relações Internacionais, 2010.

CHAGAS-BASTOS, Fabrício H.; FRANZONI, Marcela. “The Dumb Giant: Brazilian Foreign Policy under Jair Bolsonaro”. **E-International Relations**, 16 out. 2019. Disponível em: <https://www.e-ir.info/pdf/80360>. Acesso em: 24/08/2021.

“DEUTSCHE WELLE. “China repudia declarações de Eduardo Bolsonaro sobre 5G”. 25 nov. 2020. Disponível em <<https://p.dw.com/p/3lmgp>> Acesso em: 24/08/2021.

FLECK, Isabel. Ernesto Araújo: Como um artigo definiu o novo chanceler. **Huffpost Brasil**, [S. l.], 15 nov. 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/15/ernesto-araujo-como-um-artigo-definiu-o-novo-chanceler_a_23590181/?ncid=other_twitter_cooo9wqtham. Acesso em: 16 out. 2019.

FREIRE, Diego. “Embaixada chinesa aponta ‘cunho racista’ em fala de Weintraub e pede retratação”. **CNN**, São Paulo, 06 abril 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/embaixada-chinesa-aponta-cunho-racista-em-fala-de-weintraub-e-pede-retratacao/>> Acesso em: 24/08/2021

GRAGNANI, Juliana. O que é ‘globalismo’, termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?. **BBC News Brasil**, Londres, 3 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>. Acesso em: 18 jul. 2021.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HONGYING, Wu. “Will Bolsonaro stick to pro-US policy?”. **Global Times**, 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.globaltimes.cn/content/1135282.shtml>> Acesso em: 24/08/2021.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

IMF DATA. “Coordinated Portfolio Investment Survey (CPIS)”. Washington, 2021. Disponível em <<https://data.imf.org/?sk=B981B4E3-4E58-467E-9B90-9DE0C3367363&sid=1424875079575>> Acesso em: 19/07/2021.

KEOHANE, Robert O; NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. New York: Longman, 2001.

KISSINGER, Henry. *World Order*. UK: Penguin Books, 2015.

LAFER, Celso. *A Identidade Internacional do Brasil e a Política Externa Brasileira: passado, presente e futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LIMA, Maria Regina Soares de. 2013. “Relações Interamericanas: a Nova Agenda Sul-Americana e o Brasil”. *Lua Nova*, v. 90, n. 3, p. 167-201.

LISZT, Vieira. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARTINS, Filipe G. “A nova vergonha da mídia: confundir globalismo com globalização”. [S. l.], 16 nov. 2018. Disponível em: <<http://sensoincomum.org/2018/11/16/nova-vergonha-midia-globalismo-globalizacao/>> Acesso em: 18 jul. 2021.

_____. Seminário Globalismo: Assessor do Presidente da República, Filipe G. Martins. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pPzwpAK-IIA>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MENDES, Carla. China busca garantir mais fornecedores e fecha acordo com a Tanzânia para importar soja. **Notícias Agrícolas**, [S. l.], 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/soja/272546-china-busca-garantir-mais-fornecedores-e-fecha-acordo-com-a-tanzania-para-importar-soja.html#.YPbOo8SSmUl>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MOREIRA, Assis. Brasil pode ficar no fim da fila para receber vacina contra covid-19. **Valor Econômico**, Genebra, 17 maio 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/05/17/brasil-pode-ficar-no-fim-da-fila-para-receber-vacina-contracovid-19.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2021.

NEDAL, Dani K. “Multilateralismo na política externa chinesa”. In: **Multilateralismo nas relações internacionais: visões cruzadas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

O GLOBO. “Brasil tem entrada de US\$ 6,9 bi em investimentos estrangeiros em março”. 26 abr. 2021. Disponível em <<https://exame.com/economia/brasil-tem-entrada-de-us-69-bi-em-investimentos-estrangeiros-em-marco/>> Acesso em: 19/07/2021.

_____. “Investimentos chineses no Brasil caem 74% de 2019 para 2020”. 5 ago. 2021. Disponível em <<<https://oglobo.globo.com/mundo/investimentos-chineses-no-brasil-caem-74-de-2019-para-2020-1-25141056#:~:text=A%20pesquisa%20mostra%20que%20os,com%20uma%20redu%C3%A7%C3%A3o%20de%2039%25>>> Acesso em: 21/08/2021.

PASSARINHO, Nathalia. “1 ano de governo Bolsonaro: 6 momentos-chave que revelam guinada na política externa brasileira”. **BBC News Brasil**, 2 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50760533>> Acesso em: 19/07/2021

PARAGUASSU, Lisandra. Cúpula do Brics expõe diferenças e racha entre Brasil e China. **Reuters**, Brasília, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/politica-bolsonaro-xi-brics-diferencas-idLTAKBN27X225>. Acesso em: 18 jul. 2021.

POMPEO, Mike. “Lembram do BRICS?...”. Twitter, 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/secpompeo/status/1351590924283998208>> Acesso em: 18 jul. 2021.

RIBEIRO, Renata. **Aliança tecnológica com a China na área espacial: os 30 anos do Programa CBERS (1988-2018)**. 293 p.. Tese de Doutorado, Unb, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/38674/1/2019_RenataCorr%c3%aaaRibeiro.pdf> Acesso em: 19/07/2021.

RICUPERO, Rubens. Política externa: desafios e contradições. [S. l.], 25 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/rubens-ricupero-politica-externa-desafios-e-contradicoes>> Acesso em: 18 jul. 2021.

RODRIGUES, Mateus; MAZUI, Guilherme; BARBIÉRI, Luiz Felipe. “China cada vez mais faz parte do futuro do Brasil”, diz Bolsonaro. **G1**, Brasília, 13 nov. 2019c. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/13/bolsonaro-recebe-presidente-da-china-no-itamaraty-antes-de-cupula-de-lideres-do-brics.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2021.

RODRIGUES, Paloma; PARREIRA, Marcelo. Documentos mostram que Brasil reduziu à metade as doses de vacinas por meio da Covax Facility. **G1**, Brasília, 24 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/24/documentos-mostram-que-brasil-reduziu-a-metade-as-doses-de-vacinas-por-meio-da-covax-facility.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ROSITO, Tatiana. Evolução das relações econômicas Brasil-China e perspectivas futuras. In: LIMA, Sérgio Eduardo Moreira. **BRASIL E CHINA: 40 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS**. Brasília: FUNAG, 2016. p. 57-102. ISBN 978 -85-763 -627-5. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/1174-brasil-e-china-40-anos.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANCHES, Mariana. “Demissão de Ernesto Araújo: fim de uma gestão sem

precedentes na diplomacia brasileira”. **BBC**, Washington, 29 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56570801>> Acesso em: 18 jul. 2021.

SARNEY, José. Discurso do Senhor Presidente da República, José Sarney, por ocasião da visita oficial à República Popular da China. Em: LIMA, Sérgio Eduardo (Org.). **Brasil e China: 40 anos de relações diplomáticas: análises e documentos**. Brasília: FUNAG, 2016.

SEBRA, Ricardo. Um ano após reclamar que China ‘compraria o Brasil’, Bolsonaro quer vender estatais e commodities em visita a Xi Jinping. **BBC News Brasil**, Pequim, 23 out. 2019. Principais notícias. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/amp/brasil-50161509?fbclid=IwAR0ZILeI2AxMLE89rCR-kRqwciaK7638fLQEzZ_nm9KsjIEsbZmcIRMJeHw. Acesso em: 18 jul. 2021.

STRANGE, Susan. Rethinking Structural Change in the International Political Economy: States, Firms, and Diplomacy. In: STUBBS, Richard; UNDERHILL, G. (Ed.). **Political Economy and the Changing Global Order**. London: Macmillan, 1994.

STUENKEL, Oliver. “Mourão entra em campo contra os antiglobalistas”. **El País**, 12 Fev. 2019a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/11/opinion/1549903120_135007.html> . Acesso em: 18 jul. 2021.

STUENKEL, Oliver. “In Spite of Bolsonaro, China Quietly Deepens its Influence in Brazil”. **Americas Quarterly**, [S. l.], 12 Nov. 2019b. Disponível em: <<https://www.americasquarterly.org/content/spite-bolsonaro-china-quietly-deepens-its-influence-brazil>> . Acesso em: 18 jul. 2021.

TAVARES, Maria da Conceição. Globalização e Estado Nacional. In: GAMBINA, Julio (Org.) **La globalización económico-financiera. Su impacto en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/clacso/gt/20101004084247/gambina.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

TUSICISNY, Andrej. “Civilizational Conflicts: More Frequent, Longer, and Bloodier?”. **Journal of peace research**, Jul. 2004, Vol.41(4), pp.485-498. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/0022343304044478> > Acesso em: 24 Ago. 2021.

UNCTADstat. Geneva, 2021. Disponível em <<http://unctadstat.unctad.org> > Acesso em: 19/07/2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. A World-System Perspective on the Social Sciences. **The British Journal of Sociology**, [s.l.] Special Issue, History and Sociology, v. 27, n. 3, p. 343-352, Sep. 1976. Disponível em: <<https://www2.southeastern.edu/Academics/Faculty/jbell/wallerstein.pdf>> Acesso em: 01 ago. 2014.

ZARUR, Camila. Sete momentos em que Ernesto Araújo atacou a China. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 maio 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/sete-momentos-em-que-ernesto-araujo-atacou-china-1-25023701>> Acesso em: 18 jul. 2021.